

DIA DO BIBLIOTECÁRIO – 12 DE MARÇO



A bibliotecária Gláucia Mollon, terceira da esquerda para direita, com alunos do curso organizado pela FNLIJ para a Biblioteca Comunitária Ler é Preciso do Instituto Ecofuturo Enedina Augusta Pereira, na Escola Municipal Prof. Alberto Pirro, em Queimados-RJ

Em todos os projetos criados pela FNLIJ e aqueles dos quais participa em parceria, a presença da biblioteca e do bibliotecário se faz presente como espaço e profissionais fundamentais para que a cultura escrita seja valorizada como deve ser na formação das pessoas ao lado dos professores.

A biblioteca, da escola e a pública, é a instituição universal para o encontro do livro com o leitor para a prática da leitura.

No Brasil, ainda temos que lembrar e defender a relevante função social dessas bibliotecas, causada pela ausência de políticas de qualidade e permanentes que garantam a suas presenças no sistema de ensino, bem como nos espaços culturais públicos.

Como alternativa para suprir a falta de bibliotecas e facilitar o acesso aos livros e à leitura, emergiu da sociedade a organização de bibliotecas comunitárias, expressando sua importância para a população.

Em todas as edições do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, a FNLIJ prioriza no espaço do evento a biblioteca, levando crianças e jovens ao encontro de livros especialmente selecionados para eles e assim difundir para o público o uso da biblioteca dentro e fora da escola.

Entre as ações com a parceria da FNLIJ, a campanha *Eu quero a minha biblioteca* do Instituto Ecofuturo, com o apoio da Editora FTD; Trip Editora, Suzano Papel Celulose e uma coligação de organizações, foi lançada em 2012 com o intuito

de universalizar as bibliotecas nas escolas e efetivar a lei 12.244/10 (instituída em maio de 2010), que determina que todas as instituições de ensino do país, públicas ou privadas, deverão ter bibliotecas instaladas até o ano de 2020.

A valorização do bibliotecário se faz presente também no projeto *Biblioteca Comunitária Ler é Preciso*, criado pelo Instituto Ecofuturo, onde a FNLIJ é a responsável pela execução técnica do projeto, que compreende, entre outras ações, a organização de dois cursos, um de Promotor de Leitura, com foco na leitura literária, convidando para ministrá-lo especialistas em literatura infantil e juvenil. Para o outro curso, Assistente de Biblioteca, a Fundação convida

PÁGINA 2

Os bibliotecários
diante do avanço das
novas tecnologias -
Mempo Giardinelli

PÁGINA 8

Festival da Ilha de
Nami, na Coreia do
Sul, por Marcelo
Pimentel

PÁGINA 12

Feira de Bolonha
2016 | Catálogo FNLIJ

bibliotecários com experiência em bibliotecas públicas, leitura e literatura.

Assim é que a FNLIJ, para comemorar o Dia do Bibliotecário, elegeu duas bibliotecárias que há mais de dez anos são professoras do curso Assistente de Biblioteca organizado pela Fundação para o Ecofuturo. São elas Gláucia Maria Mollo, de São Paulo e Rosa Maria Ferreira Lima, do Maranhão. Gláucia é orientadora Pedagógica da Rede Municipal, com Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado em Biblioteconomia e Mestre em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atualmente é responsável pelo Projeto Leitura em Movimento da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas (desde 2001) e é Votante da FNLIJ desde 1999. Rosa é bibliotecária formada pela Universidade Federal do Maranhão especialista em Gestão de Bibliotecas e Centros de Informação Documentária pela UNB (Brasília), ex-diretora da Biblioteca Pública Benedito Leite – BPBL, responsável pela criação do primeiro Comitê do Maranhão do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), além de Votante da FNLIJ.

A FNLIJ, firme na missão de formar leitores críticos e criadores, considera como um de seus pilares a existência de bibliotecas com bibliotecários leitores e competentes e reitera sua esperança de que, em futuro próximo, as bibliotecas e seus profissionais sejam devidamente valorizados.



A bibliotecária Rosa Maria Ferreira Lima, professora do curso de Assistente de Biblioteca da FNLIJ para o projeto Biblioteca Comunitária Ler é Preciso do Instituto Ecofuturo



Biblioteca Ecofuturo Ler é Preciso Diunner Mello - Paraty.

Para também marcar a data, o Notícias FNLIJ escolheu apresentar a palestra *Os bibliotecários diante do avanço das novas tecnologias*, do escritor, jornalista e professor argentino Mempo Giardinelli, proferida na Jornada Acadêmica da Seção América Latina e do Caribe da International Federation of Library Associations and Institutions em 2015.

Os bibliotecários diante do avanço das novas tecnologias

MEMPO GIARDINELLI

TRADUÇÃO: GIOVANNA GARCIA

Para falar dos bibliotecários diante do avanço das novas tecnologias, parece-me necessário, antes de tudo, estabelecer de que tipo de bibliotecário está se falando. Do profissional que trabalha nas bibliotecas universitárias, o da Biblioteca Nacional ou o desta Biblioteca do Congresso da Nação? Do bibliotecário especializado, por exemplo, do Ministério da Economia, Planejamento, de Ciência e Tecnologia ou outros? Ou, do bibliotecário que bebe mate com biscoitinhos e recebe duas ou três visitas por dia em uma biblioteca de aula? Ou de uma bibliotecária veterana do Tilcara, ou do bibliotecário que atende em um lugar distante do centro da província de Santa Cruz, ou no meio de Chubut?

Neste país assombroso, nesta Argentina hoje tão cheia de talentos bem como de ignorantes, tão cheia de gente boa e trabalhadora, assim como doente de ressentimento, inveja e ódio, também em matéria de bibliotecas e de bibliotecários há de tudo um pouco... E tudo o que há, é fruto, ora doce, ora amargo, da nossa história contemporânea. Uma história em que a leitura foi um grande fator para o crescimento e desenvolvimento social, e que se jogou nas bibliotecas um papel fundamental para a educação pública, de acordo com o idealismo genial desse tremendo argentino, contraditório, questionável, mas sempre admirável que foi Domingo Faustino Sarmiento. Padre fundador da educação e da biblioteconomia no nosso país.

Esse idealista criou o paradigma leitor que construiu esta nação. Uma nação cheia de bibliotecas: as Populares de Conabip, as municipais, as de cada Universidade, pública ou particular, inclusive de diferentes cadeiras; as de instituições intermediárias e ONG's como a que eu presido no Chaco; as dos Bancos, Empresas, Clubes, Sociedades de Fomento, Cooperativas e centros comunitários.

Nossos dirigentes, funcionários e legisladores sabem quantas bibliotecas existem na República da Argentina? Por volta de 50 mil... É um número extraordinário, que forma uma cadeia tão vasta e complexa, assim como a cadeia social da nossa nação e coroa o sonho de Sarmiento quando em 1870, mediante a Lei 419, é criada a Comissão Nacional de Bibliotecas Populares (Conabip). Foi graças a isto que a Argentina se constituiu como país mais leitor da América Latina, assim como de toda a língua castelhana. Fomos o principal produtor de livros do continente; o primeiro exportador de livros e revistas para todo América e Espanha; e, inclusive todo o conhecimento universal – na literatura, filosofia, ciência e tecnologia – foi traduzido aqui na Argentina e daqui, chegava aos povos irmãos. Todo

latino-americano de mais de 50 anos de idade ainda lembra-se dos livros e revistas argentinos. Gerações de americanos se educaram com Billiken, leram as coleções Tor, Rastros e muito mais, leram contos nas revistas Leoplán, El Hogar y Ve a Lea, e a revista El Gráfico informou sobre esportes a diferentes gerações americanas uma vez que milhões de livros saíam das nossas gráficas. Éramos, sem dúvida, uma nação de leitores que levava suas leituras, e com elas sua cultura, a toda Nossa América.

Aquilo foi possível porque o imaginário social, desde o fim do século XIX, esteve vinculado à leitura. Os imigrantes, que foram nossos avós, assim como os criolos, que também foram, estavam todos convencidos de que a ascensão social dos seus filhos e netos não dependia somente de uma equação econômica, mas também da leitura como caminho ao saber e ao conhecimento. Por isso os sindicatos, os primeiros partidos políticos, as sociedades de fomento, os clubes de bairro e até as cooperativas, organizavam-se ao redor de bibliotecas. O velho sonho de “M’ijo el Doctor” só poderia ser realizado se houvesse leitura. Foi aí que a leitura tornou-se a protagonista da construção daquela Argentina sem analfabetos e cujo consumo de livros e revistas era altíssimo e constante.

Até que tudo isso se perdeu. Quando e por quê? A resposta é uma só: quando a leitura e o livro passaram a ser demonizados. Quando a Argentina deixou de ser uma sociedade leitora, um produto maligno do discurso ditatorial, autoritário e perverso de que o livro era subversivo. Discurso que perdurou em quase todos os setores sociais, particularmente nos mais atrasados,

como sempre acontece – e acontece agora mesmo – são os que aceitam e adotam ingenuamente as piores ideias. Há apenas 40 anos, nesse país o livro era subversivo porque detinha o saber. O conhecimento, o pensamento, a livre expressão das ideias, eram considerados perigosos. Os livros eram queimados, editoras e bibliotecas inteiras foram destruídas, dezenas de escritores e poetas foram assassinados. Eu não sei vocês, mas eu queimei livros durante aqueles anos. Entre as piores recordações da minha vida foi passar noites inteiras destruindo e queimando livros e revistas no banheiro do meu pequeno apartamento. O medo me conduziu a humilhação de queimar e destruir os livros que eu amava. Foram muitos argentinos (as) que queimaram e enterraram livros, ou os abandonaram nas ruas e praças por puro medo.

Foi assim que, no imaginário coletivo, a leitura e o livro, que haviam sido fundamentais para o avanço social, terminaram como outro desaparecido da Ditadura.

Ou seja, que vivemos nas sombras daquela época espantosa em que o livro e a leitura eram condenados, perseguidos, porque os ditadores e censores decidiram e impuseram que ler era subversivo e por isso perigoso. Essas sombras continuam por perto e por isso ainda estamos pagando as consequências.

Depois daquele período infeliz, a verdade é que a recomposição editorial e do sistema bibliotecário, já na Democracia, em

nosso país foi e está sendo um feito extraordinário. Não creio que há outro país no mundo com uma base biblioteconômica como a que tivemos e temos; nem tampouco uma que tenha sido tão destruída, nem uma que tenha se recuperado como a nossa. Toda essa conversa fala de uma paixão literária que não conseguiram matar. Uma paixão e uma vocação que eu ainda julgo sana. Não intacta, porém sana. Não vencida, não descartada, apaixonante, além de ter-nos aqui, hoje, buscando pensar e explicar, como vamos fazer, como vamos continuar caminhando e como vamos nos adequar a essa era cibernética que nos rodeia, tal qual o tema que me propuseram e eu aceitei “o avanço das novas tecnologias”.

Então, me surgem mais perguntas: de qual tecnologia estamos falando? Da computação, das nanotecnologias, da robótica, das redes sociais, do desenvolvimento da engenharia que hoje nos permite ver e acreditar que o que existia ontem já não é mais tão



Programa Abuelas Cuentacuentos

incrível? Lembro-me que em 1987 ou 88 fui convidado para um congresso de literatura em Santiago do Chile, e lá discutindo a novidade que era o laptop, imaginei um mundo futuro e distante onde poderíamos ler Don Quixote eletrônico. E em 1995, no Congresso Argentino de Literatura, na UNNE - Universidade Nacional do Nordeste, argumentei que podia imaginar meus tataranetos, ao final do século XXI, lendo Don Quixote em algum exótico meio de sustentação, e que para fazê-lo bastaria ter vontade. Passaram-se somente 20 anos e hoje minha filha lê Don Quixote em seu celular.

Hoje estamos conscientes de que os avanços das tecnologias e a maravilha do mundo hipercibernético em que vivemos superaram tudo o que foi imaginado pela espécie humana. A pergunta que surge é: o que vamos fazer diante desta nova realidade? Ficar desesperados? Negar o tsunami que vem em cima de nós? Eu estou convencido de que a habilidade humana é capaz do melhor (e do pior também, mas prefiro ser otimista) e por isso só vou inventariar tudo de bom que nos foi dado com os constantes avanços tecnológicos do século passado. Meu bisavô chegou da Itália e não conhecia o telefone. Meu avô conheceu o telégrafo porque era ferroviário da linha Buenos Aires ao Pacífico, que mais tarde tornou-se FFCC Sarmiento. Meu pai conheceu o telefone e eu sofri com a Entel assim como agora sofro com a Movistar. Conheci o fax e comprei meu primeiro computador



Programa *Abuelas Cuentacuentos*

em 1987 e hoje minhas filhas e netos vivem em um mundo de celulares e me ensinam a como aproveitá-los melhor. Cada avanço tecnológico melhorou o mundo em que vivemos e comprovamos isso com o automóvel, o avião, o ar-condicionado, as geladeiras e tantos outros eletrodomésticos, e nos últimos 30 anos a popularização dos computadores, Internet, Wifi, e outros infinitos dispositivos eletrônicos e tudo o que vem surgindo, que parece superar o imaginável.

Nos assustamos? Creio que em geral já nos adaptamos e entregamo-nos às novidades, as vezes com atitude ingênua, similar aos povos originários da nossa América diante dos conquistadores que de imediato os violavam e exploravam e assassinavam uma vez que se apoderavam de suas terras, trabalho e dignidade. E tudo em nome de Deus!

Agora, nos colonizam em nome de outros fulgores, outros deuses chamados Coca-Cola, Apple, Microsoft, Fernet, MacDonalds, cervejas e um universo de outras marcas que, fica impossível ter todas e, aí no meio de tudo isso, estão as bibliotecas. Serenas ainda que robustas, heroicas e resistentes... Nossas preciosas, queridas e sempre necessárias bibliotecas, que são as invioláveis guardiãs, quase não contaminadas, do Saber e da Poesia. Guardiãs do Conhecimento e da Literatura, da História, da Filosofia e das Ciências.

O saber e todas as suas formas está nelas. O mais amplo e confiável repertório das condutas e não condutas da espécie humana está lá. Por isso as bibliotecas são o Tesouro da Humanidade. E eu penso que essas bibliotecas que amamos e que a todo instante fala-se que o destino é desaparecer, vão continuar sendo necessárias a nós, escritores, editores, leitores, professores, bibliotecários. Há 30 anos escuto que o livro está morrendo, que está agonizando, ou que está em processo de extinção, mas ele está mais vivo do que nunca. Os editores de textos virtuais, inclusive eu, já não sabem o que inventar para popularizar os e-books, que são fantásticos e têm seu público, mas não conseguiram matar o papel. Também escuto, há 30 anos, que a leitura está em crise e que os argentinos e os latino americanos já não leem, porém, com minha experiência em campo; nas escolas, vejo que cada geração lê mais do que a anterior...

Nesse contexto, somando-se a crise moral generalizada do mundo moderno em que os valores, os princípios e as condutas

são cada vez mais relaxadas, e onde os salários sempre estão atrasados, o bibliotecário se torna um sujeito cercado por inúmeras e estressantes circunstâncias que nem sempre as pessoas se dão conta, sobretudo quando se pensa e fala das novas TIC (Tecnologias da informação e da comunicação) como se fossem inofensivas.

Ao menos eu jamais esqueço de que estamos falando de seres humanos que são ou deveriam ser, também leitores. E o bibliotecário deve ser um leitor competente, ao pé da letra. Quero dizer, um ser 'in-compreensível', 'in-controlável'. Porque a leitura sempre conduz até a liberdade. E isso, para o Poder – sobretudo para o Poder autoritário – é inadmissível. Daí – é minha hipótese e anuncio somente para pensar em voz alta – a invenção de todo tipo de cálculo, classificações, fichas, tabelas e fragmentações textuais, sob o pretexto de “orientar” os jovens ou “desenvolver suas habilidades” ou “estimular a compreensão leitora” e muitas reticências, a única coisa que conseguiu foi neutralizar e interferir na livre interpretação do leitor, anulando o mero prazer de ler por ler.

Daí também vem a terminologia “economicista” que invadiu a biblioteconomia assim como invadiu a educação, da Ditadura para cá, e que ainda perdura em todo tipo de documentos nacionais e provinciais, e até está incorporada na Lei Nacional de Educação. A biblioteconomia, assim como todo o discurso pedagógico institucional, deveriam recusar fórmulas como “oferta educativa”, “qualidade de serviço”, “usuários” (que é um conceito ofensivo para a leitura), “produtividade”, “saída de trabalho” e outros.

Se vocês estavam esperando uma apresentação técnica, estou decepcionando. É que não posso deixar de considerar esta profissão do ponto de vista humano e didático. Dediquei minha vida à literatura e à pedagogia da leitura, de maneira que estaria em desacordo com tudo o que foi pensado, escrito e criado se me dedicasse, neste momento, a promover novas técnicas, procedimentos, aplicações e quaisquer novidades cibernéticas.

É a Pedagogia da Leitura que não devemos perder de vista. Ou seja, o estudo das atitudes, habilidades e práticas de leitura de uma sociedade determinada, nas quais o bibliotecário moderno; contemporâneo, deve ser mestre. A Pedagogia da Leitura observa e analisa usos e costumes, investiga e propõe o desenvolvimento

de uma sociedade de leitores. Apoiar-se nos mediadores de leitura, que são aqueles que atuam profissionalmente no campo da educação (docentes e bibliotecários) e também nos mediadores familiares, que são os primeiros e mais próximos incentivadores de leitura de todas as pessoas.

O primeiro e principal objetivo da Pedagogia da Leitura é lançar a semente do desejo de ler e estimular todas as possíveis práticas leitoras. Dedica-se a fazer com que todos desejem ler e fortalece os hábitos leitores daqueles que já leem, munindo-os de ideias e estratégias para que ajudem a outras pessoas que queiram ler. Assim se formam os futuros formadores de leitores.

Somos o que lemos, como também o que não lemos. Como pessoas, como nação, somos nossas leituras. A ausência ou escassez de leitura é o caminho para a ignorância e isso é uma condenação individual gravíssima e mais ainda se coletiva. Não ler, infelizmente, é um exemplo que se espalhou impunemente na Argentina e, em parte, é o que gerou lideranças autoritárias, ignorantes, fúteis e corruptas.

A ação de ler é uma prática de reflexão, meditação, ponderação, análise, equilíbrio, moderação e desenvolvimento da sensatez. Tudo o que deve merecer um bom bibliotecário. Ler é um exercício mental excepcional, um precioso entretenimento para a inteligência e sentidos. Do mesmo modo, as pessoas que não leem estão condenadas a ignorância, ao improviso e a loucura. Por isso, os bibliotecários como mediadores são fundamentais. Porque no imaginário social eles são a cara do saber e do conhecimento, de modo que se eles não leem, caem em contradição, pois além de seus conhecimentos e habilidades tecnológicas, um bibliotecário que não lê é como um carpinteiro que não sabe usar o formão.

Os bibliotecários são mediadores estratégicos, eles específicos entre a sociedade e a leitura, e portanto têm uma responsabilidade que nem sempre é reconhecida. Nem por eles mesmos e nem pela sociedade para com eles. Vivemos em uma sociedade que é altamente contraditória em relação às suas bibliotecas e bibliotecários. Diante disso, parece-me importante enquadrá-los corretamente. O profissional de biblioteconomia não é apenas uma pessoa que está do outro lado do balcão e que é oprimido por tecnologias, sistemas e métodos de trabalho que em muitos casos são assustadores, intimidantes e até mesmo fantasmagóricos. Se não tivermos isso claro, vamos nos equivocar seriamente. Porque, insisto, apenas uma elite está em condições de adaptar-se às TICs, e além dessa pequena elite, não sei mais quantas leituras serão ofertadas aos cidadãos. Por que esse é o ponto? Porque o bibliotecário deve ser um eficiente auxiliar e fornecedor de leitura. O risco é que isso resulte em satélites que vão voar pelo espaço enquanto na terra, os povos seguirão sumindo na

ignorância e sujeitos a manipulação.

Por isso comecei destacando que nosso país tem uma capacidade bibliotecária extraordinária, que muitos países queriam ter e que devemos cuidar, atualizando-a e brindando-a com os melhores suportes tecnológicos. A Conabip – Comisión Nacional de Bibliotecas Populares protege um sistema de mais de 2 mil bibliotecas populares em todo o país com um acervo de 25 milhões de livros. Também temos várias bibliotecas públicas, institucionais e/ou semiprivadas, e de entidades da sociedade civil (clubes, sociedades de fomento, empresas, ONG's). O vasto sistema se completa com as, aproximadamente, 25 mil bibliotecas escolares que fazem parte do sistema do Ministério da Educação da Nação e das 24 entidades federativas. Por isso minha estimativa é que a Argentina tenha hoje um quadro maravilhoso de mais de 50 mil bibliotecas, ou seja, uma biblioteca a cada 850 habitantes. Isso é uma maravilha que não sei quanto países no mundo conseguem. Isso sem falar a média de livros por habitantes, que em 1996 era de 0,4 e hoje triplicou pelo menos, entre outras razões, pela persistente ação do Plano Nacional de Leitura que vem distribuindo milhões de livros por ano.

Hoje todo habitante do país tem uma biblioteca à mão: a poucos quarteirões de sua casa, caso viva nos centros urbanos, e a pouca distância caso resida em áreas rurais. Não é de agora que muitas dessas bibliotecas estão desatualizadas, com acervos antiquados e, provavelmente maltratados, mas todas estão vivas ou tem capacidade para serem ressuscitadas. Mas são, de fato, uma espécie de mundo silencioso e de estudo que é possível recuperar, cuja missão mais importante está a cargo de dezenas de milhares de bibliotecários, seguranças e fomentadores desse tesouro.

Somos um país com uma curiosíssima e paradoxal vida bibliotecária, porque dispusemos de uma rede de formidável de bibliotecas, cuja utilização por parte da sociedade está bastante difundida apesar de levantamentos e pesquisas apocalípticas. Faz vinte anos que leio estudos, pesquisas e índices que afirmam que aproximadamente 70% dos argentinos não vão a bibliotecas nem uma vez por ano. Mas nunca leio, nem que seja uma linha, que destaque que 30% dos argentinos (as) vão à biblioteca. Três em cada dez cidadãos, não é pouco, e sobretudo depois do desastre no paradigma leitor que a ditadura produziu na década de 90. Eu não sei se no mundo há alguma nação que tenha 30% de sua população frequentando suas bibliotecas.

Por isso, para mim, o essencial do papel do bibliotecário não é somente sua nova função e capacitação tecnológica. É acima de tudo, seu papel social e sua capacidade leitora, que faz refletir que os avanços cibernéticos devem, sem dúvida, serem incorporados por eles como saberes atualizados. Porque está claro

movimento por um Brasil literário
m **B** *i* **Brasil** *lit*

Accesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais

Eu **QUERO MINHA BIBLIOTECA**

Accesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

que estão diante de novas tecnologias e é óbvio que terão que se adaptar às condições e necessidades, e para isso, devem continuar se capacitando, mas sem perder de vista a imensa responsabilidade social da profissão que elegeram. Dentre todos os mediadores de leitura os bibliotecários são encarregados de uma transmissão mais passiva da paixão pela leitura, assim como os pais e professores.

Ainda que o conceito clássico diga que o bibliotecário é a “pessoa encarregada do cuidado técnico de uma biblioteca”, há uma concepção moderna, pelo menos na nossa América que supera amplamente a questão técnica. É a missão essencialmente política que destaca a especialista colombiana Silvia Castrillón: “O bibliotecário, em seu papel de intelectual comprometido (...) tem em suas mãos um instrumento de democratização como deveria ser a biblioteca, deve contribuir na luta contra a miséria, contra a injustiça, contra a exploração, contra a violência e contra tudo que restrinja a liberdade de pensamento e a liberdade de eleger entre as opções que contribuam para uma vida digna; é ir contra todas as violações a esses princípios universais de justiça e liberdade. O contrário é moda e retórica”. Eu compartilho dessa afirmação e também da que diz que em países como os nossos (Colômbia, Argentina e toda Nossa América) “necessitam-se bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em espaços contra a exclusão social”.

Eu almejo, tenho escrito para um tipo de bibliotecário assumido como intelectual, humanista, sensível e com sentido social. O bibliotecário, assim como professor, trabalha com o intelecto e com informação, livros, leituras. Seu trabalho, segundo Castrillón, “supera o estritamente técnico-profissional”.

A formação de um novo tipo de bibliotecário, não requer SOMENTE CAPACITAÇÃO TECNOLÓGICA, que são necessárias, mas acima de tudo requer que seja um bom leitor. Ou seja, um leitor curioso, porque somente assim serão críticos, informados, reflexivos, inquietos, abertos, conscientes e orgulhosos de seus conhecimentos e generosos para abrir a mente da comunidade que o consulta.

O advento e a popularização das chamadas novas tecnologias também está associado com o editor de marketing e livreiro, que modificou tudo o que era conhecido em termos de livrarias e inevitavelmente isso atinge as bibliotecas. No mundo do livro a mudança mais revolucionária foi na comercialização, que converteu as livrarias em centros culturais tão concorridos e economicamente poderosos assim como qualquer outro centro comercial. É por isso que há livrarias em todos os centros comerciais. A livraria – disse o especialista norte-americano Jim Trelease – “é um lugar onde as pessoas se sentem tranquilas e enriquecidas mentalmente, onde se pode ser curioso gratuitamente, sem intenção de comprar e não ser mal visto.” E quais são os melhores momentos para essas peregrinações? Obviamente nos fins de semana e nos feriados. Há um monte de estudos de mercado que mostram que as vendas nas livrarias crescem justamente nesses dias. Então, a conclusão é óbvia: esses dias são os dias em que quase todas as bibliotecas na Argentina estão fechadas. Negadas para a sociedade que tanto necessita delas, e acima de tudo, fechadas para milhares de meninos e meninas que “se entristecem”, que quebram a cabeça assistindo ‘telexlixo’ ou afastando-se

para jogar em redes como se fossem autistas, e muitas vezes se expondo a situações incontroláveis, violentas e estúpidas.

Não faz sentido continuar pensando que o problema é a tecnologia ou a “modernidade” que supostamente causa desordem nas crianças e os “faz a cabeça”, como estamos cansados de escutar pais e professores dizendo por aí. De maneira alguma são os meios eletrônicos que ameaçam as bibliotecas e “podem chegar a substituí-las”, como sustenta alguns estudiosos. Isso tampouco é certo, ao menos é altamente improvável se começarmos a transformar a situação. Porque temos que mudar, e essa é a questão. Já dizia Trelease, há dez anos, que a Internet “está muito longe de substituir as bibliotecas. A maior ameaça para as bibliotecas, hoje, são as próprias bibliotecas”. Eu acrescento: também os bibliotecários que resistem em mudar de atitude. Ou seja, os bibliotecários que se negam a ter em sua formação a construção do leitor. Nenhuma técnica, nenhum sistema de catalogação padronizado, nada substituirá o saber acumulado sobre os livros e que pode ser compartilhado por quem os tenha lido e amado. Essa é a função de mediação que todo bibliotecário deveria exercer.

Em suma, o que falta em nossas bibliotecas é: mudar a mentalidade de muitos bibliotecários, mudar a ideia da missão das bibliotecas, mudar a disposição humana e física e dar uma volta de 180 graus no que diz respeito aos critérios de atenção ao público. Devem deixar de ser templos para tornassem lugares de entretenimento. Se as livrarias mudaram quando começaram a expor seus livros, deixar ao alcance das mãos e permitir que as pessoas toquem e leiam em pé por quanto tempo quiserem, mudaram os horários para estarem abertas nos melhores momentos para o público, que é durante a noite, aos sábados, domingos e feriados, imagina o que aconteceria com as bibliotecas se fizessem o mesmo. Se existisse cafeteria dentro do local, como ocorre agora mesmo na Feira do Livro. Se colocássemos mesas nos pátios e varandas e o público ficasse a vontade para sentar-se e ler. E se os bibliotecários deixassem de ser apenas intermediários, seguranças dos livros que pedem documentos para ler, não os parece que estaríamos começando uma revolução bibliotecária, que necessariamente incluirá melhoras em matéria de luz, cores e carisma no tratamento que estimulará a leitura? Não os parece que o maior empecilho, que seria o sindical, mereça dos mesmos bibliotecários uma reconsideração porque o futuro já está aqui e agora?

Parece mentira que ainda, na Argentina, existem pessoas (e inclusive bibliotecários!) que preferem a escuridão, a distância, a proibição e o medo pelos livros. Inclusive, ainda é comum nas escolas argentinas castigar as crianças de “má conduta” ou falhas na aprendizagem mandando-os para a biblioteca... E não conheço bibliotecários que se negam a isso, nem que argumentem com os docentes.

É necessário orientar, durante a formação dos bibliotecários, para que eles sejam bons leitores, capazes de criar cidadãos com valores e princípios. Para garantir que não sejam senhoras e senhores indispensáveis, é necessário incluir nos cursos de biblioteconomia a matéria Literatura. E não somente uma matéria durante todo o curso – geralmente é no terceiro ano – mas uma Literatura em cada ano ou semestre, ou seja, Literatura Clássica Universal, Literatura Universal Moderna, Literatura

Latino-americana e Literatura Argentina do Século XIX, do Século XX e o que há do século XXI. Obviamente, é necessário também um semestre com Gêneros Literários e outro de Linguística básica aplicada. Em paralelo deve haver exercícios de leitura em voz alta, tanto no âmbito profissional como no âmbito familiar, porque a leitura e voz alta é o princípio básico na formação do bom leitor, que é, repito, o leitor curioso.

Afirmo que tudo o que falei anteriormente é urgente, pois as novas TICs continuarão ocupando o espaço da biblioteconomia. Porque sem dúvidas, são e serão um instrumento maravilhoso que temos que utilizar, estimular, mas que só serão eficazes na medida em que nós sabemos utilizá-las. Não podemos esperar das novas tecnologia uma revolução leitora. Isso não vai acontecer. Nenhuma evolução tecnológica criará leitores. Nenhum dispositivo, aplicativo, hardware ou software será capaz de criar leitores por si sós. A conclusão básica é: nosso uso consciente é o que dará sentido às novas TICs, ou seja, nossa competência leitora e cheia de curiosidade. Não há melhor caminho para o aproveitamento das novas e grandiosas possibilidades.

Mas também nos faz ficar alertas, porque inevitavelmente vai acontecer – e de fato já está acontecendo – que graças aos avanços tecnológicos o mundo globalizado continuará impondo a sutil ditadura das leis do Mercado. E assim, o saudável paradoxo que já se observa, de que para ser mais democrático, inclusivos e horizontais, os cidadãos devem estar dotados de e-books e tablets, devem ser rebeldes, originais e resistentes as novas regras de convivência que nos impõe o futuro que já não está aqui.



O diretor do jornal Asahi Shimbun do Japão entrega a distinção a Mempo Giardinelli e Natalia Porta López no Congresso do IBBY em Londres - 2012



Mempo Giardinelli é escritor, jornalista e professor argentino. Nasceu e vive em Resistencia, Chaco, Argentina e esteve exilado no México entre 1976 e 1984. Sua obra literária tem sido traduzida em vinte línguas e recebeu importantes prêmios, entre eles o Prêmio Rómulo Gallegos 1993. Em 2006 recebeu um doutorado honorário da Universidade de Poitiers, França.

Giardinelli fundou e preside uma fundação com sede na província de Chaco, dedicada à promoção da leitura e ensino e pesquisa em pedagogia da leitura. Quando foi criada, em 1996, ele doou sua biblioteca pessoal de 10 mil volumes. A Fundação mantém diversos programas culturais, educacionais e de suporte: www.fundamgiardinelli.org.ar

Palestra proferida na Biblioteca del Congreso de la Nación, Buenos Aires, Argentina, em 24 de abril de 2015, na abertura da Jornada Acadêmica da Seção América Latina e do Caribe da Ifla – International Federation of Library Associations and Institutions “Bibliotecas enfrentando o desafio de acesso à informação”.

1- “M’ijo el Dotor” é uma peça escrita em 1903 pelo dramaturgo uruguaio Florencio Sánchez. Trata-se de um drama que apresenta um confronto entre pessoas que pertencem à sociedade rural do início do século, e aqueles que se mudaram para a cidade. O tema da peça é o conflito entre duas concepções diferentes da vida, o confronto eterno de gerações.



FMSG
Fundación Mempo Giardinelli

leer abre los ojos



Marcelo e as crianças na sua exposição em Nami

Ilha de Nami por Marcelo Pimentel

O ilustrador e designer gráfico carioca recebeu em 2015 o Grand Prix, prêmio máximo do 2º Concurso de Ilustrações da Ilha de Nami, Coreia do Sul, atual entidade patrocinadora do Hans Christian Andersen/IBBY. Com seu primeiro trabalho autoral, o livro-imagem *O fim da fila* (Editora Rovel), Marcelo Pimentel foi o único brasileiro a participar do concurso e concorreu com mais de 1.300 trabalhos assinados por artistas de 34 países.

Formado pela Escola de Belas-Artes da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marcelo iniciou sua atuação no meio editorial em 1992. Expôs na BIB – Bienal de Ilustração de Bratislava –, na Eslováquia, em suas edições de 1999, 2001, 2003 e 2015.

Em 2001, o livro *Mistérios da Pindorama*, editora Biruta – seu primeiro projeto com a autora Marion Villas Boas – recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ, que em seguida o selecionou para o Catálogo The White Ravens, da Internationale Jugendbibliothek (IJB) – Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique. *O fim da fila* foi também selecionado para o mesmo catálogo em 2012. Marcelo participou do catálogo e da mostra *Brasil – Incontáveis linhas, incontáveis histórias*, organizada pela FNLIJ e pela FBN (Fundação Biblioteca Nacional), apresentada na Feira de Bolonha de 2014 para marcar o ano do Brasil como país homenageado.

Ao receber a premiação na ilha de Nami em maio do ano passado, o ilustrador participou da exposição dos trabalhos vencedores e voltou encantado com o cenário ecológico e cultural que a ilha proporciona aos seus visitantes. Para o leitor conhecer um pouco desse lugar incrível e detalhes do 2º Concurso de Ilustrações, Marcelo conta como foi sua viagem à ilha de Nami.

Nami Island Concours 2015

Relatos de uma experiência inesquecível

O barco, semelhante a um pequeno ferry boat, conclui sua travessia fluvial, chegando ao outro lado do rio em menos de 10 minutos. Desembarcamos na Ilha de Nami, na Coreia do Sul, à noite. A expectativa é enorme.

Está frio, mas somos recebidos por uma calorosa salva de palmas. É uma tradição na ilha que os funcionários recebam os convidados com aplausos, cumprimentando individualmente a cada um, com imensa simpatia.

A partir do pier de desembarque, uma trilha no bosque iluminada por balões brancos indica o caminho a seguir até o hotel. Tudo em Nami é especial. E o dia seguinte nos aguarda com muita atividade e emoção.

Introdução

Ouvi falar pela primeira vez da ilha de Nami quando Roger Mello esteve lá,

indicado pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil –, representando o Brasil no projeto “Peace Story”, que reuniu escritores e ilustradores de literatura infantil e juvenil de várias partes do mundo. Em matéria redigida por Gisela Zincone e publicada numa edição do Boletim da FNLIJ em 2010, Nami se afirmava como um cenário ecológico dedicado a atividades culturais e, sobretudo, à valorização do livro para crianças e jovens. Na foto que ilustrava a matéria, um sorridente senhor coreano aparecia junto dos autores como o mentor da iniciativa.

Quatro anos depois, em 2014, descobri o Nami Concours – Nami Island International Picture Book Concours –, concurso bienal com foco nos livros ilustrados (picture books) cuja primeira edição já havia sido realizada em 2013. Aberta a convocação para sua segunda edição, inscrevi meu primeiro projeto autoral, o livro de imagem “O fim da fila”. Pelo regulamento do concurso, os três primeiros colocados seriam convidados a participar das cerimônias de abertura e premiação na própria Ilha de Nami... Bem, sonhos às vezes se realizam.

Em janeiro de 2015 foi divulgado o resultado final do concurso e então soube que iria para a Coreia do Sul em maio, convidado para receber pessoalmente a premiação atribuída a “O fim da fila” – o Grand Prix – e assistir ao vivo a abertura do evento e a exposição dos trabalhos

vencedores. Uma grande honra que me deixou imensamente feliz.

De lá pra cá pude ler, ver e ouvir bastante sobre a ilha de Nami, um lugar ainda não muito conhecido por aqui, concebido para proporcionar o acesso ao sonho e à diversidade.

Nami Concours

O concurso bienal se propõe a incentivar a produção de livros ilustrados (“Picture books”) de qualidade para crianças, oferecendo aos artistas do mundo toda a oportunidade de mostrarem seu trabalho numa escala internacional. Para tanto, concede um número significativo de premiações, divididas em quatro categorias:

- 1 > Grand Prix
- 2 > Golden Apple (2)
- 3 > Green Apple (3)
- 4 > Purple Apple (10)

Na edição de 2015 foram selecionados para a mostra e o catálogo oficial 94 ilustradores de 34 países a partir de mais de 1.330 inscritos, superando-se o dobro de inscrições da edição anterior, em 2013.

O Júri, formado por profissionais de reconhecida trajetória no universo da literatura infantil e juvenil, prima pela diversidade cultural – o que se reflete na grande variedade de linguagens observada entre os trabalhos selecionados. Todos os jurados se mostraram pessoas extremamente simples e acessíveis. Foi um privilégio conhecer cada um deles um pouco mais de perto.

JUNKO YOKOTA – Japão (Presidente)

ZOHREH GHAENI – Irã

ANASTASIA ARKHIPOVA – Rússia

YUSOF ISMAIL – Malásia

ROGER MELLO – Brasil

WEE-SOOK YEO – Coreia do Sul

Entre os critérios de seleção/premiação estão listados, entre outros: a originalidade, a possibilidade de múltiplas interpretações e a consistência narrativa (capacidade de imagens em sequência contarem uma história). O conjunto completo de critérios estabelecidos pelo Júri compõe o que sua Presidente, Junko Yokota, define como “Nami Vision”.

O Nami Concours é dirigido por Fred Minn que, à frente de uma eficiente equipe, cuida de todos os detalhes relativos ao concurso.

Fiquei muito impressionado com o alto nível dos trabalhos expostos, nas mais diversas técnicas e estilos, e tive a felicidade de conhecer vários dos outros ilustradores premiados. Foi um grande orgulho estar entre eles num cenário que tanto valoriza a arte de ilustrar livros infantis.

Para saber (muito) mais: www.nami-concours.com

A Ilha de Nami

O território da ilha é considerado uma república culturalmente autônoma, chamada Naminara (“Nara” significa “terra”). A república tem, entre outros elementos de sua identidade, uma bandeira oficial, sua própria moeda, seu hino e até passaportes.

A ilha é propriedade da família Minn, que há alguns anos concedeu total liberdade ao grande designer coreano Kang Woo-hyon (ou “Mr. Kang”, Grand Prix no concurso NOMA 1986, Japão, entre outros) para transformá-la num destino especial, onde se celebrasse o sonho, a arte, as heranças culturais e a natureza. Cada canto da ilha foi então cuidadosamente planejado por Mr. Kang: jardins, fontes, estátuas, caminhos e pequenas construções repletos de histórias e detalhes a observar. No período do Festival de Livros de Nami – o “Nambook”, atualmente realizado a cada dois anos –, a ilha é povoada por cenários e personagens dos livros infantis.

A entidade Nami Island é, desde 2008, a patrocinadora oficial do prêmio Hans Christian Andersen, concedido pelo IBBY (International Board of Books for Youth) e considerado o maior reconhecimento que a obra de um autor de literatura infantil e juvenil pode receber.

Chega-se à Nami de barco ou por meio de uma altíssima tirolesa. Nada de ponte, ia perder toda a graça. Fizemos a travessia de barco em função de termos chegado já à noite. Logo após desembarcarmos na ilha, a impressão era a de que o tempo passava mais devagar, como se deixássemos a realidade pra trás e ingressássemos num universo paralelo.

Voltando ao início do relato, nossa comitiva de cerca de 30 pessoas era composta por alguns dos ilustradores premiados no



Exposição do livro *O fim da fila* produzida pela equipe da Ilha de Nami, com seus personagens moldados em barro



Alameda da Ilha de Nami, enfeitada para o festival



Marcelo discursa ao receber a premiação

Workshop de Marcelo Pimentel

concurso de 2015, representantes do IBBY de diversas partes do mundo e membros do Júri, assim como pelos organizadores e pela equipe de apoio do evento. Volnei Canonica, atual Diretor da Diretoria do Livro, Literatura e Bibliotecas do MinC, e a designer Claudia Mendes também fizeram parte do nosso grupo de seis brasileiros*. Deixamos Seul em sete de maio partindo para o Nambook, o grande festival literário do qual o concurso faz parte.

Seguindo uma dica local, no dia seguinte vaguei pelos arredores do hotel entre 6h e 7h30 da manhã. Foi o momento de conhecer um pouco da paisagem da ilha num horário ainda sem o público, que começa a chegar bem cedo. Interrompendo aquele silêncio só meus próprios passos e alguns esquilos, ariscos, pra lá e pra cá. Depois disso, a agenda dos ilustradores convidados seria cheia, começando com a apresentação de workshops para as crianças coreanas, na fantástica biblioteca infantil de Nami, inaugurada em 2013.

*Contando comigo, Roger Mello, Pilar Castro (minha noiva) e Juliana Belmonte (filha da Claudia).

Workshops

Meu workshop, apresentado para um grupo de 20 crianças em torno dos sete anos, se chamou “O fim da fila: pinturas indígenas e animais do Brasil”. Foram cerca de 35 minutos de slides e desenhos rápidos, mostrando um pouco da arte indígena brasileira e de nossa fauna, e explicando como foi desenvolvido o projeto do livro a partir desses elementos. Na

parte final da atividade, cada criança recebeu um dos personagens do livro – a miniatura de uma tartaruga (em coreano “Guboogi”) moldada em barro e recém-saída do forno – e tintas preta e vermelha para pintá-la.

Foi uma experiência muito enriquecedora apresentar uma oficina para crianças coreanas. Tentei mostrar um pouco do processo de criação do livro e de seus personagens, tendo o valioso auxílio da Dami Son, intérprete do inglês para o coreano. Ficou evidente que crianças são crianças em qualquer lugar. A curiosidade presente naqueles olhinhos rasgados era a mesma que eu já tinha visto em diversos outros olhares, principalmente por estarem vendo e ouvindo sobre a cultura de um país muito distante. Até levei comigo uma boneca “Ritxoco”, típica da etnia Karajá, para que pudessem vê-la de perto e tocá-la.

Depois de seca a pintura, os pequenos puderam levar suas tartarugas pra casa, como recordação da oficina – até eu trouxe a minha pra pintar depois. Uma lembrança preciosa!

A Exposição

Enquanto a pintura das tartarugas secava, fomos conhecer a sala especialmente projetada para expor os desenhos de “O fim da fila”. A grande surpresa é que não se tratava apenas de uma sala com ilustrações emolduradas na parede – o que já seria muito honroso. Era muito mais. Espalhados carinhosamente pelo espaço, os personagens do livro ganharam vida!

Ao adentrarmos a sala era impossível não se encantar, tal o cuidado que a equipe de produção teve com cada detalhe. Estavam lá a onça, a tartaruga, o tucano, o Curupira... todos em grandes dimensões, moldados em barro pelos próprios artesãos do atelier de cerâmica de Nami, e pintados à mão com incrível capricho e fidelidade aos desenhos originais.

As paredes da sala foram tomadas pelas páginas do livro. O oco da árvore era um convite para as nossas cabeças e câmeras, enquanto no fundo da sala era exibida uma versão piloto do livro em desenho animado, produzida pelo meu amigo ilustrador William Côgo e sua equipe do Estúdio Labareda (RJ).

O belo projeto da sala foi criado pela Seh wa Park, designer do time do Nami Concours, muito embora toda a equipe tenha ajudado bastante na realização de cada detalhe. É de fato um trabalho coletivo, feito com extrema dedicação. Nos foi dito que a exposição ficará montada na biblioteca da ilha até os preparativos para o próximo concurso, em 2017.

Todos os premiados tiveram seus livros transformados em ambientes interativos – salas, cabines e corredores da Biblioteca de Nami – e o privilégio de adentrarem suas obras junto com o público. O resultado do trabalho ao vivo é fabuloso, sendo mais fácil mostrar as fotos do que tentar descrever. Era visível o orgulho, muito justo por sinal, de cada um dos envolvidos na produção e montagem da exposição. Também era evidente a emoção de todos nós, ilustradores, vendo nossos

trabalhos tão ampliados e valorizados. Tenho certeza de que cada autor presente* ficou imensamente feliz pela dedicação de toda a equipe do Nami Concours e do Nambook.

*Sonja Danowski e Torben Kuhlmann (Alemanha), Julie Bernard (Réunion), Myeong-ae Lee e Mi-jung Lee (Coreia do Sul), Awang Fadilah Ali Hussein (Malásia), Manon Gauthier (Canadá), Maya Hanisch (Chile), Urszula Palusinska (Polônia) e Tatiana Sugachkova (Rússia).

Cerimônias de abertura e premiação

Após tantas emoções pela manhã, o dia ainda reservaria aos ilustradores outro momento especial: a própria cerimônia de premiação. Diante de uma plateia de conceituados profissionais do livro e embaixadores de diversos países, subimos um a um para recebermos nossos prêmios das mãos da Presidente do Júri, Dra. Junko Yokota, e do idealizador e Presidente da República de Naminara, Mr. Kang Woo-hyon. Em meu discurso abordei o processo criativo de “O fim da fila”, sem esquecer de agradecer pelo carinho e respeito com que fui recebido.

No fim da tarde ocorreu o tradicional “Rice cake cutting”, ou seja, o corte da massa de arroz. Todos os participantes das cerimônias de abertura e premiação – organizadores, jurados, ilustradores, convidados especiais, equipe e público – formam uma enorme roda no pátio logo à frente do palco e, com luvas plásticas, seguram uma comprida e cilíndrica massa de arroz (uma espécie de macarrão grosso). Ao ouvirem as palavras de ordem “Nami Sum!” proferidas pelo patriarca, o simpático Mr. Minn, cada um deve apertar a massa com as mãos até cortá-la, comendo em seguida a parte que reteve. É um momento de total descontração.

À noite, um jantar ao ar livre celebrou o êxito da cerimônia de abertura de mais um Nambook e nos foi apresentado o vídeo oficial do evento*.

* Link ao final do texto.

Jeju e Tamnara

Nossa agenda incluiu ainda uma visita à Ilha de Jeju, entre a Coreia do Sul e o Japão, onde Mr. Kang nos levou para conhecer seu novo projeto: Tamnara, uma segunda “república” nos moldes de

Naminara, bem menor que esta última. Tivemos a oportunidade de ver o início das obras que aos poucos transformam um terreno completamente pedregoso em mais um aprazível destino ecológico e cultural. A equipe de Tamnara é numerosa e trabalha duro, de modo que barrancos e pedras vão sendo convertidos rapidamente em caminhos, escadas e jardins.

As pedras de Jeju são vulcânicas e, portanto, macias para o entalhe. Boa parte delas já recebeu o toque artístico de Mr. Kang. Em vários cantos do futuro parque também pudemos ver rochas gravadas com o traço de Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello, os amigos do “Capa Dura em Cingapura”, que estiveram juntos por lá em 2014 e deixaram sua marca inconfundível.

Nossa visita foi motivo de várias inaugurações em Tamnara, em especial a da grande surpresa da tarde: o castelo de Roger Mello, uma moderna construção à base de rocha e metal com várias referências à sua obra.

Passamos momentos maravilhosos também em Seul, tendo sempre ao nosso lado pessoas da equipe do Nami Concours, extremamente atenciosas e gentis. Conhecemos alguns de seus belos templos, palácios, bairros antigos e o centro comercial com seu excesso de letreiros luminosos. Mas isso já é outra história...

Conclusão

Encerro meu relato com enorme gratidão pelo reconhecimento obtido e pela oportunidade de conhecer tantas pessoas interessantes com importância ímpar no campo da literatura para crianças e jovens.

Agradeço a Fred Minn, aos seus irmãos Kenny e Bobby e à sua equipe, que com um trabalho fabuloso – feito com paixão – tornaram nossa experiência memorável.

Sou grato ainda aos jurados do concurso e aos representantes do IBBY, que com sua generosidade e simpatia foram sempre um grande estímulo para os ilustradores presentes.

E por fim, ao casal Minn e ao Mr. Kang, pela receptividade e pela iniciativa de criar um universo de sonho numa ilha muito especial.

Torço para que na próxima edição do Nami Concours mais ilustradores brasileiros se inscrevam e consigam mostrar seu trabalho na longínqua Coreia do Sul.

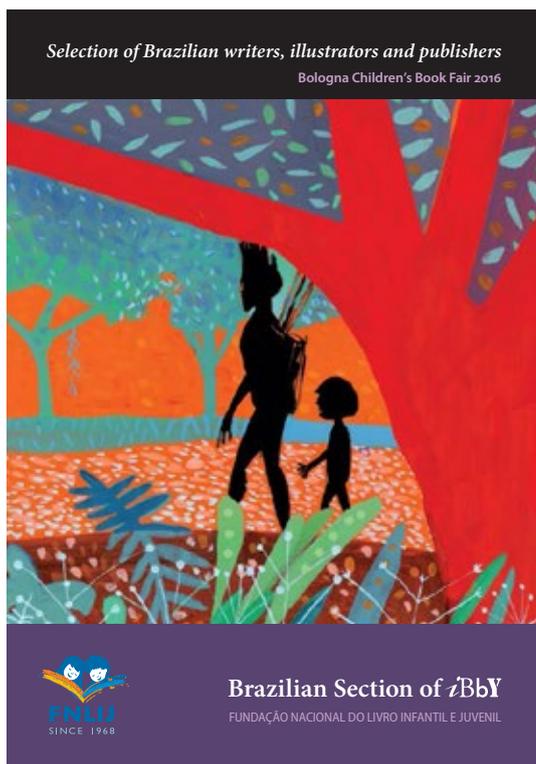
A quem quiser ter uma noção melhor do que é o Nambook, o festival literário da Ilha de Nami, recomendo assistir ao vídeo oficial do evento, ao qual já revi várias vezes, mas que continua a me emocionar. (<https://namisum.com/en/events/video-nambook-015-opening/>)

Até a próxima (quem sabe?), Nami Island!



Parte do júri composto por Roger Mello e membros das seções IBBY: Anastasia Arkhipova, Rússia; Zohreh Ghaeni, Irã e Junko Yokota, Japão

FEIRA DE BOLONHA 2016 | CATÁLOGO FNLIJ



A FNLIJ já disponibilizou em seu site o catálogo para a Feira de Bolonha, que vai acontecer de 4 a 7 de abril. O catálogo será distribuído no estande da instituição, que conta com o apoio do Ministério das Relações Exteriores e das editoras Berlendis & Vertecchia, Edições de Janeiro, Edições SM, Editora do Brasil, FTD, Global e Moderna | Salamandra.

A publicação em inglês tem capa de Graça Lima e a lista dos 116 títulos que serão expostos no estande, com imagens das capas e resenhas. Os livros estão separados pelas categorias de Ficção para crianças, Ficção para jovens, Não ficção, Poesia, Livros de imagem, Drama e Reconto, além de Teórico e Reedições.

O prefácio de Elizabeth Serra, *Cultura escrita como resistência*, fala da trajetória da FNLIJ na Feira de Bolonha por mais de 40 anos, enfatizando a importância do evento para escritores e ilustradores brasileiros e descreve as principais realizações da Fundação em 2015, além de comentar o panorama mundial, reforçando a importância da liberdade de expressão escrita.

O catálogo também apresenta a mensagem do DILI da FNLIJ de 2016, com texto de Luciana Sandroni e ilustração de Ziraldo, a lista dos títulos vencedores do prêmio FNLIJ de 2015, as autoras indicadas para o prêmio Hans Christian Andersen de 2016, Marina Colasanti e Ciça Fittipaldi e os livros selecionados pela FNLIJ para a Lista de Honra do IBBY de 2016, além de um artigo comemorando os 40 anos de carreira do ilustrador Rui de Oliveira.

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV – B4 Editores; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Guilherme Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente), Daniela Cajueiro e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack e Jorge Carneiro e Roberto Leal; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

